

Abandonada, escola de

De custos altos, projeto consumiu em três meses

DF Educ
CORREIO BRAZILIENSE Brasília, quarta-feira, 16 de abril de 1986 21

aço só oferece perigo

toda a verba de 1985 da Fundação Educacional

SUSAN FARIA
Da Editoria de Cidade

Riscos de incêndio; pouca durabilidade; deterioração. Estes são os principais problemas que as escolas construídas em aço da Fundação Educacional (FEDF) edificadas a partir de 1983 até início de 1985 já começam a enfrentar. A denúncia é do Departamento de Engenharia e Arquitetura da FEDF.

A diretora do Departamento, Maria Graça Brito, diz que aquelas construções ficaram 60 por cento mais caras do que as normais e agora apresentam vários problemas, como pisos soltando, coberturas vazando água, má ventilação, calor excessivo, ferrugem e fragilidade. Os colegas de trabalho de Graça alegam que eram contrários ao projeto, mas foram obrigados a executá-lo porque a antiga diretoria da FEDF não aceitava questionamentos.

— A escolha não foi nossa. Veio de cima para baixo. O CONTAINER (modelo) foi desenhado para barracão de obra e adaptado para escola. A pré-

pintura que já vem pronta da fábrica é altamente inflamável, assim como o forro de eucatex e o piso compensado revestido de paviflex. Recentemente houve incêndio num posto policial do Paranoá, construído de aço — lembra o arquiteto da FEDF, Ricardo Basseggio.

OUTROS INTERESSES

Ele assegura que as escolas de aço, ou "de lata" como também são conhecidas, vão se acabando sem muitas alternativas para manutenção, inclusive porque a fábrica que as constrói fica em São Paulo. Alerta que é difícil repor paredes de lata e que os banheiros não resistirão à urina, altamente corrosiva.

Para a arquiteta Maria Graça Brito, no final do mandato da ex-diretoria da FEDF houve muito interesse em mostrar serviço. "Como as construções de aço são rápidas, elas foram incrementadas. No início do ano de 1985 foi inaugurado inclusive um centro de ensino com 24 salas de aula na Candangolândia. Um absurdo tamanha construção de aço para ser provisória", ressalta.

Segundo os arquitetos da FEDF, a proposta dessas escolas de aço destinava-se às invasões e no caso de remanejamento não haveria problemas para retirar os blocos de estruturas metálicas. Só que as escolas foram construídas não só em invasões mas também em assentamentos. Ao todo são quase 20. Um número maior é de porte pequeno e fica na zona rural. O restante possui em média 15 salas.

A arquiteta Maria Graça Brito afirma que o investimento para as construções consumiu, só nos primeiros três meses de 1985, toda a verba que a FEDF dispunha para aquele ano "em abril a nova diretoria tomou posse e não encontrou nenhum centavo para construir ou reformar escolas". Ainda sobre o alto custo do projeto, ela exemplifica que para reconstrução de prédios numa área de 7 mil m² do Ceab foram gastos Cr\$ 3 bilhões (Cz\$ 3 milhões) e para se fazer uma escola de lata com 2 mil m² eram necessários Cr\$ 1 bilhão e 700 milhões (Cz\$ 1 milhão e 700 mil).

Risco de incêndio é constante

Não é só o problema de fragilidade do bloco de aço e dos riscos de incêndio que os alunos e professores da Escola Classe do Varjão enfrentam. A falta de água, o pouco tempo de estudo, a inexistência de biblioteca, de quadras esportivas, o calor excessivo e toda infra-estrutura da escola metálica deixam muito a desejar.

Ao todo são 360 alunos, do primário à 6ª série, que dispõem de apenas três salas para estudarem. Para contornar o problema, foram criados quatro turnos escolares: das 7h às 9h30, das 9h30 às 12h30, das 12h30 às

15h30 e das 15h30 às 18h30. Portanto, cada aluno fica na escola no máximo três horas. Isto incluindo tempo para lanche, ir ao banheiro e descanso de 10 minutos, já que o recreio foi cortado.

FALTAM PROFESSORES

Os estudantes da Escola Classe Varjão não dispõem de professores suficientes. Faltam no mínimo cinco que estão sendo substituídos por dinamizadores e professores-coordenadores. Até a diretora da escola, Adelina Tereza de Oliveira, se viu na obrigação de dar aulas porque o

número de alunos aumentou e novos professores ainda não chegaram.

Ela pede providências à Fundação Educacional para a construção de outra escola no Varjão, o que depende de uma autorização do governador José Aparecido. O Departamento de Engenharia e Arquitetura da FEDF informou que o projeto está sendo encaminhado ao Governador propondo a construção de uma escola com 10 salas num terreno a ser demarcado pela Terracap.

Mas a providência mais urgente que Adelina pede é a instalação de água na escola. Por enquanto, ela é servida por um caminhão-pipa da Caesb que não tem horário fixo para o fornecimento. Isso faz com que o lanche oferecido às crianças seja feito muitas vezes com água do dia anterior, guardada com esta precaução.

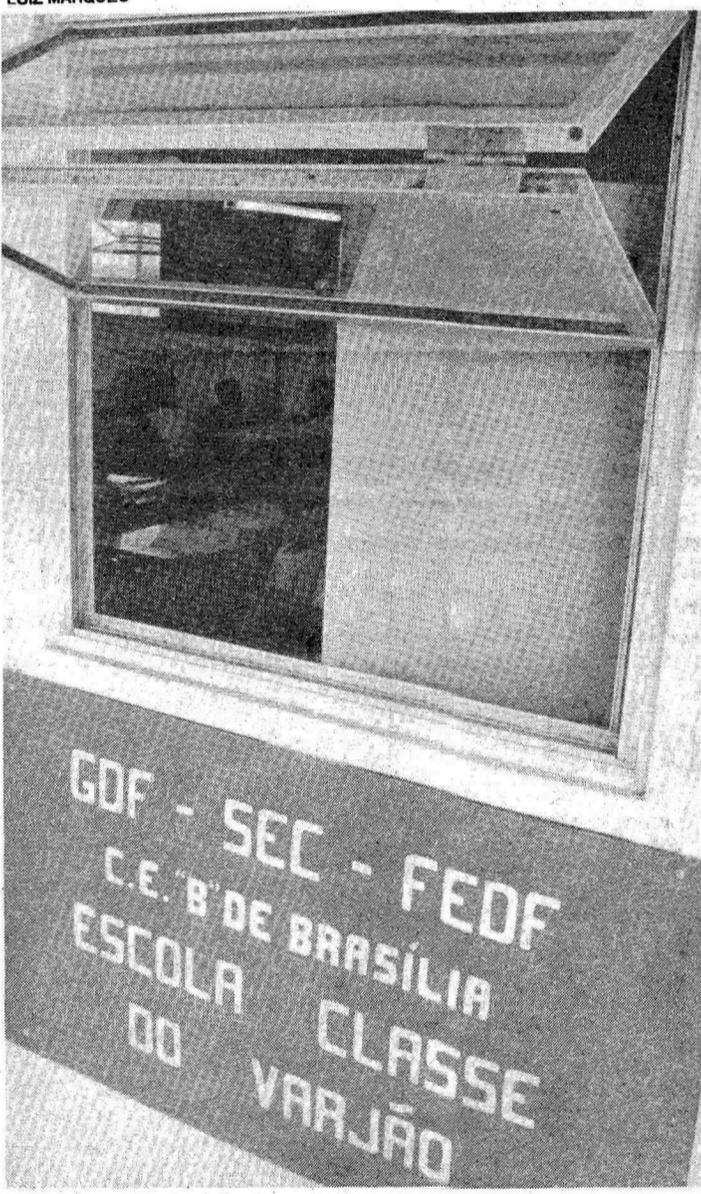
FRUSTRAÇÃO

Sem opções artísticas, culturais e esportivas, e ficando no máximo três horas por dia na escola, qual a aprendizagem que este aluno terá? Quem responde é a professora da 1ª série, Zulmira Ferreira Godoi. "As crianças aprendem pouco. Quando voltam de férias esquecem quase tudo. No dia a dia não conseguem aprofundar porque também não dispõem de locais apropriados para estudar em casa. O que a gente sente é muita frustração", diz.

Zulmira acrescenta que há muita contradição nos níveis das crianças e as professoras perdem tempo porque têm de promover trabalhos diversificados numa mesma sala de aula. Além dos alunos, os professores e funcionários da escola padecem com a falta de recursos didáticos e o pequeno tamanho do prédio. A sala dos professores, por exemplo, tem 1,5 x 2 metros. Ali ficam uma mesa com dois mimeógrafos, um arquivo minúsculo e um espaço para somente uma pessoa entrar.

O banheiro dos professores, ao lado, tem dois vasos, mas se alguém sentar em qualquer um deles não pode fechar as portas: o espaço não dá. As salas de aula também não chegam a ter três metros de altura e o calor é quase insuportável. Este mês, a comunidade do Varjão deverá fazer um mutirão para construir duas salas de aula de madeira na escola, com apoio da Fundação Educacional. Ao invés de quatro turnos, a escola voltará a funcionar este ano com três.

LUIZ MARQUES



Cada escola custou ao GDF Cz\$ 1 milhão e 700 mil

Colégios terão limpeza geral

A Fundação Educacional (FEDF) e a Secretaria de Viação e Obras vão assinar convênio permanente para a limpeza das áreas internas e externas das escolas públicas do Plano Piloto e cidades-satélites. Ontem o diretor de Serviços Gerais da FEDF, Paulo Lopes, e o superintendente interino do SLU, Valdecir Pereira Coelho, passaram a tarde discutindo as bases do convênio.

Eles definiram, também, o cronograma para o trabalho de limpeza que deve começar ainda esta semana. Segundo Paulo Lopes, a prioridade é para as áreas que necessitam de capina, remoção de entulhos e restos de construção com maior urgência. Tanto pode ser no Plano Piloto quanto as cidades-satélites, observou ele. O Serviço de Limpeza Urbana vai usar os seus veículos pesados, trato-

res e pessoal para o trabalho nas escolas.

Na reunião de ontem foi definido que existem algumas áreas preocupantes. O exemplo é na L-2 Sul, onde funcionam as escolas de Supletivo. Lá a vegetação está alta e esta deve ser uma das primeiras escolas atendidas pelo programa. O objetivo é atingir mais de 400 escolas públicas do DF. Para isto, o SLU já conta com mais 400 garis contratados pela Secretaria de Serviços Públicos.

LIMPEZA EXTERNA

Quanto à limpeza externa das escolas, um dos maiores problemas enfrentados pelos alunos, professores e funcionários, o Serviço de Limpeza Urbana informou que este deve ser um trabalho periódico. A professora Maria Célia Brito Costa, da Classe 43 em Ceilândia, lembra o quanto é desagradável trabalhar ou estudar com sujeira ao

redor. Mesmo com a área interior das escolas limpa, na entrada e saída do prédio todos enfrentam o lixo e o mato alto.

A professora culpa, também, os moradores de casas próximas às escolas que costumam jogar lixo nas ruas. Ela lamenta que mesmo com a coleta regular muita gente aproveita os cantos e os muros mais distantes para jogar resto de material de construção, tábuas e outros tipos de lixo.

Uma das preocupações das professoras e da direção das escolas, principalmente da Ceilândia e Taguatinga, é com a possibilidade de doenças que aparentemente não são graves mas que com a frequência delas o estudante fica debilitado e tem um rendimento baixo nos estudos. Existe uma recomendação comum nas escolas: a de que as crianças não devem brincar nas áreas externas onde houver lixo. Mas isto nem sempre é atendido, já que quando elas saem vão sozinhas para casa.

COBRAS

Na última limpeza feita na área externa da Classe 43, em Taguatinga, foram encontradas várias cobras escondidas na vegetação rasteira que possibilita a permanência destes animais. Os alunos ficaram assustados, a princípio, mas depois esqueceram e contam o fato como brincadeira.

Outra preocupação é quanto ao assédio de marginais à noite para depredar e usar toda área interna como sanitário. Pela manhã muitos zeladores já encontram sujeira. As diretoras usam todos os funcionários para manter os pátios limpos, mas recebem os poucos metros das salas de aula a sujeira continua.

FRANCISCO GUALBERTO



Todas as escolas serão capinadas e retirados os entulhos